

# Artista não tem patrão

—Três mestres de Arte Makonde em conversa com o «domingo»

por Albano Naroromele (texto) e Amadeu Marrengula (fotos)

Dom  
4/5/86

«Durante a Luta Armada a gente compreendia facilmente que cada um tinha de trabalhar muito e voluntariamente para alimentar a guerra. Ninguém esperava nada em troca, porque sabíamos que o grande vencimento, mais tarde, seria a libertação de todo o nosso País. Então esculpíamos com vontade, vendíamos as obras e entregávamos o dinheiro à FRELIMO. Mas hoje, se a guém nos manda ir a Matola à pé, a gente olha

Estas palavras são de Tomé Machindano, plenamente corroboradas por Casimiro Muilanga e Hilário Machosi, três escultores de marfim e pau-preto, três mestres da mundialmente lendária Arte Makonde. Estas palavras são um desabafo contra o facto de, tanto quem as pronunciou como muitos outros colegas, antigos combatentes, estarem «a trabalhar muito, desde há nove anos, com muito sofrimento», sem que beneficiem do valor das suas obras.

Em conversa com a Reportagem do «Domingo», os três insistiram que o desabafo era oportuno. É que eles, juntamente com um outro mestre, o Capitão Gaspar Achulale — ausente neste encontro — acabam de receber do Presidente Samora Machel equipamento de trabalho. O material é cons tituído por moto-serras, serrotes, fitas métricas, brocas, lixas, raspadeiras, limas, entre outros instrumentos com os quais aqueles escultores pensam que vão «resolver todos os problemas» no tocante à montagem e funcionamento das suas oficinas.

No entanto, receiam que, embora a oferta do Presidente Samora Machel se destine a valorizar e dignificar a criatividade artística dos mestres, os seus discípulos e a própria Arte Makonde, haja pressões posteriores prejudiciais à sua qualidade de beneficiados e de autores das obras.

## QUAL É O PROBLEMA

— O que se passa é o seguinte — explicou Tomé Machindano: — Fui afectado na Zambézia em 1977. O meu trabalho é escultura, eu mais um grupo de camaradas sob as minhas ordens. Vendemos as obras, mas todo o dinheiro entra no Comando Provincial da Zambézia. Eu recebo 8000,00 MT de vencimento como quadro da Defesa e não como artista. Todos os restantes colegas recebem 2500 meticais também como elementos da Defesa. Nenhum de nós beneficia de alguma coisa como artista. É injusto. Durante a Luta Armada a gente compreendia, mas hoje é diferente, porque artista, não tem patrão!...

O apoio dos outros dois interlocutores nossos às palavras do companheiro, não se traduziu apenas em vigorosos gestos de cabeça. O escultor

Casimiro Muilanga tirou a palavra da boca do outro, para dizer que «na Beira é a mesma história», com a diferença de dois pormenores: os artistas nem sequer sabem o preço a que são vendidas as suas obras, porque o trabalho é



Tomé Machindano

feito por uma galeria, e, depois, tanto o mestre como os elementos do grupo por ele chefiado, recebem pouco mais de 6000,00 MT.

Para Hilário Machosi, um dos nossos três entrevistados, «a situação é simplesmente pior em Cabo Deigado.» Este escultor acrescentou que o resultado deste problema afecta directamente, mais que os artistas, a própria Arte Makonde, expressão da vanguarda da cultura nacional.

Segundo ele, no grupo que chefia em Pemba havia muitos elementos, quer escultores já de mão cheia, quer aprendizes. «Mas agora somos só 19. Os outros fugiram para ir trabalhar em casa e ganhar mais dinheiro com as suas obras. Outros ainda decidiram fazer machambas e abandonar a arte».

Na Beira, o resultado foi ainda mais drástico. Ficaram só 13 de um total de cerca de três dezenas no princípio, segundo Casimiro Muilanga. Em Mocuba, «ainda somos 36, mas antes éramos 46 escultores e aprendizes.» É claro que, segundo os três mestres, mesmo os que ficaram perderam muito do que lhes define como artistas e passaram a preocupar-se mais «em cumprir metas e horários, para receber o vencimento no fim do mês».

para ele e depois esclarece-lhe que uma pessoa independente no seu País tem de ter carro para ir a Matola, porque há carros. Portanto, quando a gente hoje trabalha mas não recebe benefícios como artista, como toda a gente recebe pelo seu trabalho, pensamos que é injustiça. Artista é artista, não tem patrão!»

Existem outros problemas que os escultores querem ver resolvidos. Por exemplo, enquanto Hilário Machosi diz que a falta de transporte faz com que os troncos de pau-preto fiquem «durante anos no mato e acabamos por trazê-los à cabeça», Casimiro Muilanga não compreende a razão por que «o Governo Provincial levou o marfim que nós esculpíamos. Isso aconteceu há mais ou menos cinco anos e eu acho que se a medida era para controlar o marfim, então deviam dar-nos uma credencial para comprar o marfim. Nós queremos esculpir o marfim, queremos liberdade.»

## ARTE E ARTISTA

Tudo o que ficou registado até aqui foram declarações dos três mestres da Arte Makonde, feitas com apenas uma nádega sobre as cadei-



Hilário Machosi

ras fofas do Hotel Rovuma (onde se encontram hospedados), e antes mesmo de termos formulado qualquer pergunta. Depois eles acomodaram-se, e, sorrindo, Hilário Machosi fez a última achega em jeito de ironia: «Ao menos, como assaariados, o Governo devia saber que vivemos em cabanas miseráveis, que sentimos vergonha ao receber dirigentes nessas cabanas. Deviam dar-nos uniforme de serviço e um reógio para tocar quando chega a hora, como nas fábricas».

Após estas palavras a conversa mudou de ritmo. Os escultores aceitaram falar acerca deles, como homens, artistas e guerrilheiros, falar so-

bre a arte da qual conquistaram o estatuto de mestres. Dois pontos são comuns aos três: nasceram em Nandimba, distrito de Mueda, em Cabo Deigado, e aprenderam a esculpir quando ainda eram crianças.

Tomé Machindano tem hoje 54 anos de idade. É casado, pai de 10 filhos e reside em Mocuba, província da Zambézia. Ele contou que a escultura é uma tradição «lá em Nandimba, que as crianças herdavam dos mais velhos. As vezes, você encontra grandes mestres que nunca foram ensinados: quando eram crianças imitavam no chão as peças de pau-preto que os pais faziam, e depois aprenderam».

Antes da Luta Armada, Tomé Machindano esculpia em casa, onde os brancos vinham comprar as suas obras. Ganhava muito dinheiro «e fazia muitas coisas bonitas, porque os brancos exigiam qualidade, embora, às vezes, fizessem encomendas de coisas da terra deles. Eu não gostava muito de fazer coisas que não conheço, mas fazia e havia dinheiro».

Por seu turno, Casimiro Muilanga, 49 anos, casado, pai de nove filhos e a residir actualmente na Beira, disse que aprendeu a esculpir com o seu irmão mais velho que também ensinou a Hilário Machosi.



Casimiro Muilanga

— Não ia à escola — prosseguiu. — Só aprendia o trabalho do meu irmão. Primeiro aprendi a fazer bustos e depois comecei a fazer a pessoa inteira. Mais tarde comecei a criar sozinho. Quando era pequeno ganhava pouco dinheiro

porque fazia coisas pequenas, mas depois fiz coisas de homem».

Hilário Machosi, de 40 anos de idade, casado, seis filhos, disse que a sua história de iniciação na Arte Makonde não difere da do seu colega de aprendizagem. A única diferença é que ele foi muito cedo para Tanzania, onde continuou a esculpir até se tornar mestre.

Tinha chegado o momento oportuno e fizemos a pergunta que nos parecia especial. Em Nandimba, nenhum escultor teve nunca acesso a manuais sobre arte, os escultores são analfabetos e o Plano de Mueda tem a celebridade histórica de ter colocado os maiores obstáculos à penetração estrangeira. Como é possível que, entre analfabetos, desinformados sobre os progressos da arte «civilizada», se descubram mestres?

— É como na escola — respondeu calmamente Tomé Machindano. — Você faz cara de pessoa, mas se não faz bem é aprendiz. Mas três anos são suficientes para se aprender a esculpir. Depois é crescer, que é mais difícil ainda.

## ENTRE A GUERRA E A ARTE

Os três escultores são antigos combatentes da Luta de Libertação Nacional. Tomé Machindano entrou na FRELIMO em 1962, enquanto que Hilário e Casimiro Muilanga incorporaram-se em 1964 e 1965, respectivamente. Mais uma vez dois pontos são comuns aos três nesta parte da sua história. Entraram em contacto com a FRELIMO na Tanzania, para onde se deslocaram depois de terem tido conhecimento da existência da Frente, «por causa do trabalho dos «chair man», que mobilizavam o povo para ir lutar contra os colonialistas».

— Um dia no combate, outro dia na escultura, era como fazíamos durante a Luta Armada — recordou Tomé Machindano, acrescentando que as obras dos escultores eram vendidas por estes na Tanzania e o dinheiro revertia a favor da FRELIMO, «para resolver os problemas de todos os camaradas».

A guerra influenciou muito todos os artistas de então.

Os nossos três interlocutores confirmaram este facto não só relatando-nos combates que os marcaram para sempre como também sublinhando que as próprias obras passaram «a mostrar guerrilheiros numa emboscada, a população transportando material de guerra», entre outros aspectos da Luta Armada.